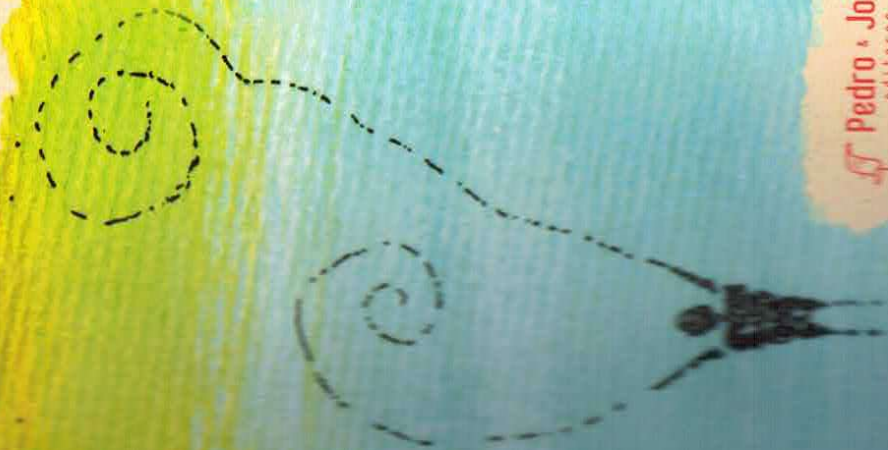


Denise Tonello

PORTFÓLIO:

Pra que te quero?

2ª Edição



 Pedro & João
editores

Denise Tonello

PORTFÓLIO: Pra que te quero?



Não é de hoje que a palavra portfólio passou a fazer parte da rotina de muitas escolas. Mas é mesmo possível utilizá-lo como um instrumento avaliativo, além de alimentá-lo processualmente, de uma forma leve e significativa, incluindo a participação do educando?

Nestas páginas você não encontrará receitas, pois em Educação elas não existem, uma vez que cada instituição tem uma realidade diferente que precisa ser compreendida e respeitada. Mas você poderá encantar-se com inúmeras possibilidades para ressignificar sua relação com a avaliação, compreendendo o portfólio como uma oportunidade de todos os envolvidos, neste processo, refletirem sobre o que se aprende e como se aprende.



conhecer os itinerários e as escolhas pedagógicas e didáticas, e permitam criar ocasiões de debate, confronto entre pontos de vista.

Vistos dessa maneira, os registros na escola (que estão a serviço da avaliação) são produzidos não apenas por adultos, mas também por crianças “como forma de construir memória de suas experiências e se apropriar do próprio processo de aprendizagem” (MARQUES e ALMEIDA, 2011, p. 420).

Partindo do pressuposto de que os registros são uma estratégia fundamental para a avaliação formativa, que envolve educadores, famílias e crianças e se fundamenta nas concepções de educação, de aprendizagem, de avaliação e de currículo, que devem orientar os fazeres didáticos propostos no decorrer do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos aprendizes ao longo de toda a escolaridade, chegamos ao uso de portfólios como um instrumento para comunicar a avaliação, ilustrando e evidenciando a ação formativa já realizada.

Portfólios: conceito, uso e aplicações

A documentação enquanto processo implica a produção de registros ao longo do percurso pedagógico: fotografias, produções das crianças, relatos do professor são algumas possibilidades. É preciso, portanto, planejar a documentação, selecionando um foco que oriente o que se quer documentar, por que se quer documentar, e para quem se documenta, pois não é possível nem produtivo documentar tudo. Documentar implica a coleta de registros, a seleção desses materiais, e sua reelaboração, de modo a construir o fio condutor da experiência narrada e, desse modo, a reflexão sobre ela. (MARQUES e ALMEIDA, 2011, p. 417)

Com as inúmeras transformações históricas e reflexões quanto ao ato de avaliar, à concepção de desenvolvimento infantil e à ação formativa, surge o **portfólio** como proposta de um instrumento de **avaliação** que permite evidenciar uma parte significativa dos processos de aprendizagem que, os relatórios descritivos, geralmente utilizados no contexto da Educação Infantil, ou os relatos e as atividades e provas nos anos do Ensino Fundamental não dão conta de comunicar.

Para Depresbiteris e Tavares (2009, p. 19-20), “a palavra instrumento pode ser entendida, também, como utensílio que permite apreender as coisas, ou agir sobre elas”. Mas explicam que, na educação, os instrumentos são apenas recursos para enriquecer o caminho do educando no percurso da aprendizagem.

O portfólio, como prática educativa, passou a ser adotado nos Estados Unidos, desde o início da década de 1980, primeiramente na Educação Infantil. Porém, professores de Harvard, por exemplo, “adotaram o portfólio com a finalidade de delegar, aos educandos, o máximo de flexibilidade no processo de aprendizagem, possibilitando-lhe ter condições de aprimorar habilidades e construir novas competências” (DEPRESBITERIS E TAVARES, 2009, p. 151). As mesmas autoras apontam que,

As razões da introdução do portfólio na educação americana deram-se pela crença de que era a ferramenta útil para a organização dos saberes e para demonstrar o processo de construção de pensamento; instrumento com potencial para proporcionar visão global e pormenorizada dos diferentes componentes do desenvolvimento de uma pessoa, não apenas na dimensão cognitiva, mas também atitudinal. (DEPRESBITERIS e TAVARES, 2009, p. 152)

Campbell¹⁸ (1996) ressalta ainda, como já mencionado, que a documentação do portfólio necessita ser organizada para dar visibilidade à evolução do educando, evidenciando conhecimentos construídos e processos importantes no ato de aprender e ensinar.

Uma coletânea de atividades, portanto, não caracteriza um portfólio, uma vez que não permite uma reflexão do processo. A prática de avaliar-se “encoraja o aprendizado centrado no educando e no adolescente e é aperfeiçoada por eles próprios, professores e

¹⁸ CAMPBELL, Dorothy M. *How to develop a professional Portfolio: A Manual for Teachers*. New Jersey: Allyn & Bacon, 1996.

família ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem.” (POSSOLI e GUBERT, 2014, p. 353)¹⁹

O portfólio é apresentado como um dos instrumentos possíveis, capaz de evidenciar, ao longo de um período, os esforços, progressos, realizações e dificuldades da criança, em uma ou mais áreas do conhecimento, “permitindo a visão evolutiva da aprendizagem [...] e, portanto, a concretização dos princípios da avaliação formativa.” (DEPRESBITERIS E TAVARES, 2009, p. 24)

A palavra **porta fólio** deriva do latim *portare* e *folium* e significa portar, trazer ou transportar folha(s). Os primeiros registros na língua portuguesa datam de 1899 e remetem a um cartão duplo dobrável, usado para guardar papéis, que pode ser uma pasta de couro ou similar, uma caixa, ou um álbum, usado para carregar papéis, cadernos etc.

Assim como Shores e Grace²⁰, vamos considerar os portfólios “como sendo a base e o contexto para o aprendizado e o registro das experiências e das realizações únicas de cada criança!” (SHORES E GRACE, 2001, p.19).

Se tal prática teve início na década de 1980, podemos considerar que, na Educação, o uso do portfólio é recente. Em muitas escolas, a prática de arquivar as atividades numa caixa ou pasta é bastante

¹⁹ POSSOLI, G. E. e GUBERT, R. “Portfólio como Ferramenta Metodológica e Avaliativa”. In Torres, Patrícia Lupion (Org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: SENAR - PR., 2014.

²⁰ SHORES, Elizabeth e GRACE, Cathy. **Manual de Portfólio: um guia passo a passo para o professor**. São Paulo: Artmed, 2001.

comum. Porém, como mencionam Easley e Mitchell (apud VILLAS BOAS, 2004, p. 39)²¹, não podemos considerar tal coletânea como um portfólio se não houver análise e reflexão de todos os envolvidos no processo educativo, pois “o portfólio é a seleção refinada desses trabalhos, fazendo parte de um processo de avaliação que ensina, ao educando, avaliar e apresentar as próprias produções”.

Muitos autores aqui já citados destacam que, em educação, portfólio é o conjunto de vários trabalhos realizados pelo educando, organizados com orientação do professor, que correspondem a um período curto, médio, ou longo, de sua vida escolar, que evidenciam o desenvolvimento em um determinado período e que levam a um exercício de análise e reflexão sobre a própria aprendizagem.

Essas amostras podem ser iniciadas com um foco em uma aprendizagem específica e, progressivamente, podem ser ampliadas. Desse modo, os professores têm a oportunidade de experimentar, refletir, adequar e dominar esse instrumento de avaliação, tornando-o sempre significativo e eficiente para comunicar, a toda a comunidade escolar, o processo de aprendizagem de cada estudante. E, com o tempo, essa prática dará ao educando o sentimento de pertença a um processo significativo de avaliação. Bizarro²² (2001) considera o

portfólio como um instrumento de avaliação intrinsecamente adequado às necessidades e às especificidades de quem o elabora, que reflete, de modo particular, sobre o seu processo de aprendizagem, preparando-se para a autonomia.

Geralmente, na escola, todo o processo de ensino e aprendizagem fica centrado no professor, que organiza os objetivos e os instrumentos para avaliar a aprendizagem e pode ser que, muitas das crianças e jovens, imaginem que somente o professor é o responsável pelos resultados da avaliação. A prática de uso de portfólios e de uma avaliação formativa, com objetivos compartilhados, como veremos a seguir, apesar de ter vantagens e desvantagens, permite que o educando se sinta corresponsável por um processo do qual faz parte e que é dele.

Hernández²³ (1998, p. 100, apud SIMÃO, 2005, p. 281) define portfólio “como sendo uma coletânea de diversos documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controle de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais etc.)”. Esse material evidencia o conhecimento que foi construído pela criança, as estratégias utilizadas e a disposição de quem o elabora em continuar aprendendo. A partir dos portfólios,

Estrangeiras: Que Estratégias Político-educativas. FCEP. Doc. poli copiado, 2001.

²³ SIMÃO, M. Veiga “O ‘Portfólio’ como instrumento na autorregulação da aprendizagem – uma experiência no ensino superior pós-graduado”. In Sá-Chaves, I. (Coord.) **Os “Portfólios” Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro:** reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora. 2005.

²¹ VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. “Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola”. In Veiga, I.P.A.; Fonseca, M. (Org.). **As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola.** Campinas: Papirus, 2001.

²² BIZARRO, R.. “Aprender, ensinar, avaliar” In F, L, E (3º ciclo do Ensino Básico; alguns percursos para a autonomia), In **Colóquio Ensino das línguas**

elaborados em conjunto ou individualmente, é possível respeitar o ritmo de cada um, pois seu uso permite refletir e pensar sobre os processos, além de valorizar experiências, instituições e saberes de cada criança.

No Brasil, o uso do portfólio tem sido crescente, uma vez que atende às orientações dos documentos oficiais, propostos pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), que ressaltam a importância de uma documentação específica que permita não só aos educadores, mas também aos protagonistas e seus familiares, avaliar os processos de desenvolvimento da aprendizagem.

Chaves²⁴ considera que o portfólio cumpre o importante papel de organizar e, de maneira reveladora e estimulante, estruturar evidências que dão concretude aos relatos da avaliação. Barton e Collins (apud DEPRESBITERIS e TAVARES, 2009, p. 151) indicam sete características de um portfólio que, do meu ponto de vista, podem servir como princípios norteadores dos quais os educadores não podem abrir mão, caso tenham a intenção de adotar esta prática. Assim, é importante destacar que um portfólio legítimo:

1. Inclui múltiplos recursos, que permitam muitas evidências;
2. É instrumento autêntico, porque as produções dos alunos articulam-se ao trabalho que está sendo desenvolvido;

3. Forma dinâmica de avaliação, pois permite acompanhar a aprendizagem dos alunos ao longo do tempo;

4. Explicita os propósitos, pois o aluno conhece o que dele se espera;

5. Permite integração entre as atividades e as experiências de vida;

6. Imprime sentido de “pertencimento” ao aluno, que participa ativamente da seleção dos trabalhos a serem incluídos no portfólio;

7. Tem múltiplos propósitos, podendo o professor basear-se nas evidências desse instrumento para avaliar a aprendizagem do aluno.

Depresbiteris e Tavares²⁵ complementam que “o portfólio possibilita verificar não só o que o educando não sabe, mas o que ele é capaz de realizar, o que imprime um caráter mobilizador à aprendizagem” e, portanto, formativo. Além do mais, um portfólio não precisa de explicações complementares: as evidências coletadas, as reflexões de crianças ou jovens e avaliações dos professores retratam o processo de avaliação de maneira clara, concisa e objetiva, sem perder de vista o encantamento do processo.

Nesta linha de raciocínio, evidencia-se que o portfólio cumpre e concretiza a ação formativa: serve como “melhoria das ações” de crianças e jovens, pois permite que verifiquem os aspectos positivos e restritivos à sua aprendizagem e do professor, já que

²⁴ CHAVES, Idália Sá. “Porta-fólios: no fluir das concepções, das metodologias e dos instrumentos”, em ALMEIDA, L.S. e TAVARES, J. (orgs.), **Conhecer, aprender e avaliar**. Porto: Porto Editora, 1998.

²⁵ DEPRESBITERIS, Léa e TAVARES, Marilva Rossi. **Diversificar é preciso...: instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem**. São Paulo: SENAC, 2009.

favorece a reflexão sobre as formas de ensinar, de promover a aprendizagem e avaliar. (apud DEPRESBITERIS E TAVARES, 2009, p. 152)

Arellano (*Idem*, 2009, p. 152) considera que o portfólio, apesar de caracterizar uma avaliação formativa, pois se adéqua “aos propósitos de uma avaliação longitudinal, porque identifica os progressos experimentados e as dificuldades mais características dos discentes em um espaço temporal”, também pode ser usado em uma avaliação somativa, “de decisões mais formais”, pois, já que “permite uma visão global do educando em todas as atividades e competências desenvolvidas ao longo do período avaliado”, pode auxiliar no encaminhamento para outra série, curso, semestre etc.

Ainda relacionado à avaliação, o portfólio propicia a metacognição, uma vez que envolve o pensar do educando sobre o que aprende e estimula a autorregulação na busca da melhoria da aprendizagem.

E ainda, como destacam Depresbiteris e Tavares (2009), desenvolve capacidades importantes como a **autorreflexão**, uma vez que, a partir da mediação do professor, ou de pares mais experientes, a criança é estimulada a relatar o que aprendeu e buscar o que ainda quer aprender; a **assunção de responsabilidade** e **negociação**, pois as decisões do que fará parte do portfólio são tomadas, tanto pelo educador, quanto pela criança; a **comunicação** e a **argumentação**, pois as trocas e a negociação favorecem a aproximação, a negociação e o respeito mútuo por opiniões distintas; a **localização temporal e espacial**, uma vez que tal

instrumento segue uma ordem cronológica e favorece a organização das ideias; o **espírito crítico**, pois a seleção dos trabalhos exige, da criança, a definição de critérios de avaliação, a partir da análise de “o que seria de qualidade” em diferentes contextos e objetivos; a **autonomia**, já que a criança “necessita tomar decisões, ponderar alternativas, rever falhas, considerar sucessos e fazer escolhas”, ou melhor dizendo, já que a criança desenvolve a capacidade de “gerir a própria aprendizagem” (2009, p. 154-155).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Rodrigues²⁶ (2009), também apresenta o portfólio como uma estratégia formativa e de reflexão e discorre sobre vantagens e desvantagens desse instrumento. Tal análise é bastante relevante e se faz necessária, pois, para refletirmos sobre a implementação do portfólio, cabe-nos, numa ação formativa, refletir os prós e contras para que sua aplicabilidade possa ser proposta da maneira mais assertiva possível.

Uma vantagem, ressaltada por vários pesquisadores é a possibilidade de **reflexão** por parte de todos os envolvidos na análise dos processos de ensino e aprendizagem: educandos, educadores e familiares. Reflexão essa em que, para Rodrigues (2009, p. 17), a reflexão acerca dos objetivos propostos se faz obrigatória, uma vez que as

²⁶ RODRIGUES, Maria Fernanda de C. C. **Portfólio: Estratégia Formativa e de Reflexão na Formação Inicial em Educação de Infância**. Portugal: FPCE, 2009.

atividades são organizadas de maneira a relatar o percurso vivido por determinado período.

Para Veiga Simão²⁷, portfólio,

É um mostruário do que o aluno sabe fazer, colocando empatia na capacidade de autorreflexão, associado paralelamente, aos processos e aos produtos de aprendizagem, como um instrumento motivador que estimula a cooperação e permite adaptar e respeitar os distintos tipos de aprendizagens e as diferentes maneiras de manifestar as competências. (SIMÃO, 2005, p. 283)

Dias (apud RODRIGUES, 2009, p. 17) defende o portfólio como um instrumento de reflexão e avaliação permanente, diferente das avaliações aplicadas de tempos em tempos. Para o autor, sua organização permite questionar sistematicamente a prática pedagógica, além de outros aspectos interligados a ela.

Outra vantagem é que o portfólio promove a **coparticipação** e a **colaboração** entre crianças e educadores, uma vez que todos se sentem responsáveis por todo o processo de aprendizagem, além de desenvolver a **responsabilidade** e a **autonomia**, em função de cada criança, de seus interesses, avanços, desafios e dificuldades.

Bernardes e Miranda (apud RODRIGUES, 2009, p. 18) defendem que o educando, ao longo deste percurso,

toma consciência dos esforços que desenvolve, dos objetivos que pretende atingir, além de planejar estratégias para atingi-los.

Outro aspecto importante, considerado por vários estudiosos, é que o portfólio permite a participação e envolvimento da família na compreensão do processo de aprendizagem. Os familiares participam desse processo, analisando o que a criança aprendeu, mas também “questionando critérios, sugerindo ações e assumindo responsabilidades”. (Idem, p. 18)

No que tange às desvantagens, Maria Fernanda Rodrigues salienta, como um dos principais problemas, o elevado consumo de tempo e energia necessários para o planejamento e acompanhamento desse instrumento. Por demandar grande organização, há a desvantagem de os educadores prenderem-se a um modelo rígido não havendo flexibilidade para o educando desenvolver seu próprio portfólio com criatividade.

Da vasta literatura sobre tal tema, o portfólio parece ter mais aspectos positivos do que negativos. Entretanto, havendo o desejo de implementar tal prática demanda a elaboração de um projeto coletivo, pautado em discussões e garantias de algumas diretrizes para que esta possibilidade não fracasse, gerando, nos educadores, a ideia de que é impossível concebê-lo nas dinâmicas características do contexto escolar. Precisamos sempre nos lembrar de que “ressignificar é preciso”.

²⁷ SIMÃO, M. Veiga “O ‘Portfólio’ como instrumento na autorregulação da aprendizagem – uma experiência no ensino superior pós-graduado”. In Sá-Chaves, I. (Coord.) **Os “Portfólios” Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos**. Porto: Porto Editora. 2005.

Tipos de portfólios

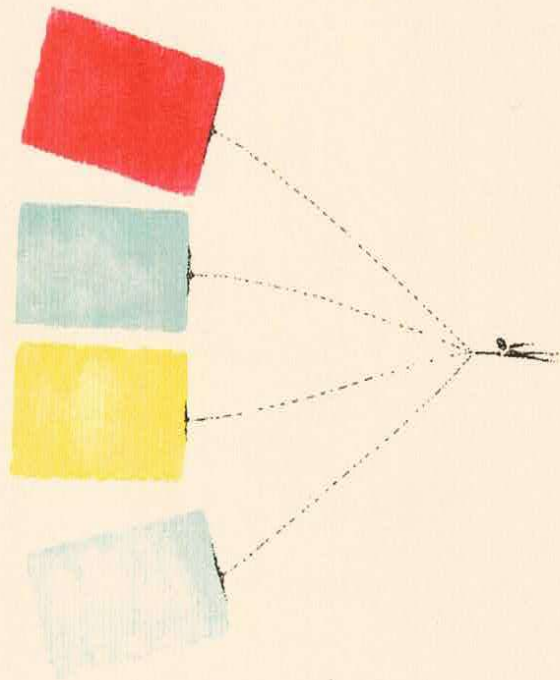
A vasta bibliografia sobre o tema, considera que existem diferentes tipos de portfólios. Como o principal foco deste livro é o uso de portfólios como um instrumento a serviço da avaliação formativa, optei em destacar apenas alguns teóricos com definições que podem dar pistas e referências para a organização de nossos portfólios.

Para Shores e Grace²⁸ (2001, p. 43) definem como **portfólio de aprendizagem** um acervo de anotações, amostras de trabalhos, rascunhos, atividades e entrevistas, utilizados com maior frequência por docentes e discentes. E citam o **portfólio demonstrativo** como um instrumento que contém fotografias, gravações e cópias selecionadas de relato das crianças, evidenciando avanços importantes ou problemas persistentes, para discussões e análises com pais ou responsáveis, além de outros membros da comunidade escolar ou ainda professores o ano seguinte.

Denielson e Abrutyn²⁹ (1997, apud SEIFFERT, 2001) mencionam o **portfólio de trabalho** que consiste num arquivo de trabalhos que auxilia a diagnosticar as

²⁸ SHORES, Elizabeth e GRACE, Cathy. **Manual de Portfólio: um guia passo a passo para o professor**. São Paulo: Artmed, 2001.

²⁹ SEIFFERT, Otília Maria Lúcia Barbosa. Portfólio de avaliação do aluno: como desenvolvê-lo. **Olho Mágico**, Londrina, v.8, n.1, jan./abr.2001. Disponível em: <http://www.ccs.uel.br/olhomagico/v8n1/portfolun.htm>. Acesso em 03.07.2021.



necessidades da criança, contribuindo para reorientação do ensino. Este portfólio documenta o processo de aprendizagem em relação aos objetivos esperados, uma vez que apresenta todas as atividades, juntamente com comentários apreciativos sobre as aprendizagens. E o **portfólio de avaliação** que documenta o processo de aprendizagem do educando, contando com comentários sobre o que foi trabalhado, estabelecendo correlação com os objetivos propostos. Para elaborar este tipo de portfólio, descrevem a necessidade de planejar e ter a clareza de algumas etapas:

- (a) indicação dos objetivos curriculares a serem focalizados no portfólio;
- (b) explicitação sobre o uso das informações contidas no portfólio;
- (c) estabelecimento de tarefas avaliativas em relação aos objetivos curriculares;
- (d) definição dos critérios de avaliação;
- (e) participação do aluno;
- (f) tomada de decisões;
- (g) implementação de mudanças necessárias no processo de ensino e aprendizagem. (RAIZER, 2007, p. 60)

Apesar desta categorização parecer esclarecedora, considero que podemos elaborar um portfólio de aprendizagem, de caráter demonstrativo com a intencionalidade de evidenciar o processo de avaliação. Assim, concordo com Tierney (*apud* DEPREBITERIS e TAVARES, 2009, p. 157), que considera que não existe uma única maneira de elaborar tal instrumento. Mais importante do que qualquer

classificação, talvez sejam algumas características que sempre deverão estar presentes, tais como:

- Identificação da criança;
- Relação e planejamento prévio das atividades a serem realizadas;
- Registro temporal;
- Critérios de escolha pré-definidos de acordo com a intencionalidade do portfólio;
- Participação do educando na escolha das atividades;
- Reflexão das crianças e jovens na comparação das amostras e avaliação sobre seu processo de aprendizagem;
- Comentários do professor;
- Entrevistas e (ou) reflexões que caracterizem um processo de avaliação.

Arrisco a complementar essa lista de diretrizes, ressaltando a necessidade de o portfólio contemplar a relação de metas e desafios, dando um sentido à avaliação como tomada de decisão. O educando deve sentir-se responsável por seu processo de aprendizagem, e o professor, a partir deste instrumento, poderá analisar particularidades, singularidades e peculiaridades de cada um dos discentes. O portfólio, dessa maneira, atende às necessidades dos estudantes, dos educadores e dos pais, envolvendo-os nesse processo complexo e, ao mesmo tempo, cativante, da aprendizagem.